
PROJETO QUARENTINAS COM BORGES, CALVINO E MACIEL

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2020.7.2.230-249>

Tânia Bittencourt Bloomfield¹

Resumo: O presente artigo aborda o projeto de interação Quarentinas, um *work in progress*, que vem se desdobrando desde o início do isolamento social referente à Covid-19, em final de março de 2020, e que ainda tem algumas etapas em desenvolvimento, previstas para alcançarem o ano de 2021. A partir da audição de textos lidos e gravados com a minha voz, por dispositivo de celular, enviados semanalmente pelo aplicativo WhatsApp aos convidados que aceitaram participar dentre os meus contatos, ao longo de cinco meses, foram reunidos três grupos heterogêneos de pessoas, do ponto de vista de gênero, profissão e idade, cada um associado a um dos autores Jorge Luis Borges, Italo Calvino e Maria Esther Maciel, e seus respectivos livros: O Livro dos Seres Imaginários; As Cidades Invisíveis; O Livro dos Nomes. Em troca da audição dos textos gravados, os convidados geraram imagens realizadas em diálogo com os textos dos autores selecionados, semana a semana, que recolhi por e-mail. Os encaminhamentos metodológicos foram sendo estabelecidos, ao longo do período mencionado, adaptando-se às dinâmicas e aos eventos não antecipados que, em muitos momentos, fundiram a ficção com a realidade. A apresentação do presente trabalho se dá à luz de uma perspectiva fenomenológica e existencialista sartreana, entre outros autores, e pretende apresentar os resultados obtidos até a etapa em que se encontra o projeto.

Palavras-chave: artes visuais; projeto de interação Quarentinas; literatura ficcional; difusão de áudios por celular.

QUARENTINAS PROJECT WITH BORGES, CALVINO AND MACIEL

Abstract: The article presents the Quarentinas interaction project, a work in progress, which has been unfolding since the beginning of Covid-19 self-isolation at the end of March 2020, with development expected to reach into 2021. It is based on audio messages with excerpts read and recorded by me on a cell phone, sent weekly through WhatsApp to my contacts who accepted to take part in this project along five months. During that time we compiled three diverse group of people with regard to gender, profession and age, each one assigned to one of the following authors Jorge Luis Borges, Italo Calvino and Maria Esther Maciel, and their respective works: The Book of Imaginary Beings; Invisible

¹ Doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Mestre em Geografia, pela UFPR. Pós-graduada no curso de Especialização em História da Arte do século XX, pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná – EMBAP. Licenciada em Educação Artística, pela UFPR. Licenciada em História, pela Universidade de Brasília – UnB. Professora do Departamento de Artes da UFPR. Artista visual com diversas exposições artísticas realizadas, no Brasil e no exterior. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8996-1008>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4966004466813759>. taniabloomfield@gmail.com

Cities; O Livro dos Nomes (The Book of Names, in Portuguese). In exchange for listening to the texts, the guests developed images created in dialogue with the excerpts by the selected authors, which were collected by me, by e-mail, on a weekly basis. The methodological procedures were established throughout the aforementioned period of time, adapting to the changing aspects and the unforeseen events which, in several moments, fused fiction and reality. This project is presented through a Sartrean phenomenological and existentialist method, among others authors, to show the results obtained up to its current stage.

Keywords: visual arts; *Quarentinas* interaction project; fiction; cell phone audio broadcast

PROYECTO QUARENTINAS CON BORGES, CALVINO Y MACIEL

Resumen: En este artículo se analiza el proyecto de interacción *Quarentinas*, un trabajo en progreso, que se viene desarrollando desde el inicio del aislamiento social relacionado con Covid-19, a fines de marzo de 2020, y que aún tiene algunas etapas en desarrollo, previstas para alcanzar el año 2021. A partir de la audiencia de textos leídos y grabados con mi voz, por dispositivo celular, enviados semanalmente por la aplicación WhatsApp a los invitados que accedieron a participar entre mis contactos, a lo largo de cinco meses, se agruparon tres grupos heterogéneos de personas, desde el punto de vista de género, profesión y edad, cada uno asociado a uno de los autores Jorge Luis Borges, Italo Calvino y Maria Esther Maciel, y sus respectivos libros: El libro de los seres imaginarios; Las ciudades invisibles; El libro de los nombres. A cambio de escuchar los textos grabados, los invitados generaron imágenes realizadas en diálogo con los textos de los autores seleccionados, semana a semana, que recogí por correo electrónico. Durante el período mencionado se han establecido pautas metodológicas, adaptándose a las dinámicas y hechos imprevistos que, en muchos momentos, han fusionado la ficción con la realidad. El presente trabajo se presenta a la luz de una perspectiva fenomenológica y existencialista sartreana, entre otros autores, y pretende presentar los resultados obtenidos hasta la etapa en la que se encuentra el proyecto.

Palabras llave: artes visuales; proyecto de interacción *Quarentinas*; literatura de ficción; difusión de audio por teléfono celular.

PROJETO QUARENTINAS COM BORGES, CALVINO E MACIEL

RESISTINDO À DISTOPIA PANDÊMICA E AOS TEMPOS ESTRANHOS

Desde o começo do ano de 2020, um dos cientistas sociais mais conhecidos por suas pesquisas sobre o mundo do trabalho e sua relação, na maior parte das vezes conflituosa, com o ócio criativo, Domenico de Masi deve estar andando muito feliz com a profusão de publicações, reuniões, difusões de conteúdos variados e projetos na Internet e, ironicamente, ocupadíssimo, lidando com as estatísticas, *databases*, relatórios de todo o tipo, escrita de artigos e de livros, concessão de conferências, palestras e entrevistas on-line, acerca da distopia em que o planeta está imerso, suas consequências e potencialidades para o futuro da humanidade e do meio ambiente. Pode ser paradoxal que o principal autor que defende o ócio criativo esteja, possivelmente, trabalhando muito mais do que no período pré-pandêmico, o que certamente está ocorrendo com milhões de trabalhadores ao redor do mundo, à distância. Segundo ele e outros pensadores, pode-se estar diante de um ponto de inflexão, no rumo que a civilização tem traçado até o presente momento, quanto à forma como tem tratado o ambiente, os outros seres vivos, e os próprios membros da espécie. Otimista convicto, De Masi enxerga como bem-vinda a aceleração da mudança de paradigma, quanto à flexibilização do trabalho remoto, e à mudança de percepção sobre a “diferença sobre o que é necessário e o que é

supérfluo” na vida, que a pandemia de Covid-19 agudizou. Em um artigo que publicou e que imediatamente ganhou lugar em veículos de comunicação ao redor do mundo, logo no início da quarentena, na Itália, em março de 2020, ele constatou:

A grande filósofa Agnes Heller dividiu as necessidades humanas em duas categorias: as quantitativas e alienadas; e as qualitativas e radicais. As primeiras consistem nas necessidades insanas de dinheiro, poder e posse de bens; as segundas consistem em necessidades saudáveis de introspecção, amizade, amor, brincadeira e convívio. Nesta fase de isolamento forçado, após uma vida transcorrida em nome de necessidades alienadas, todo o país está redescobrando a prioridade das necessidades radicais e a suavidade de um tempo dedicado a nós mesmos e à nossa família: o tempo do ócio criativo. Mas, por trás desta habitação quase serena à sedentariedade forçada, se insinua cada vez mais inquietante o medo do amanhã. O país inteiro está parado; as fábricas estão quase todas fechadas; por alguns meses, nosso produto bruto estará próximo de zero e o futuro, com a tempestade encerrada e os mortos sepultados, terá que ser inventado, nunca tendo sido experimentado antes o que significa, para um povo inteiro, consumir sem produzir. Essa diminuição do consumismo compulsivo que poderíamos ter planejado intencionalmente e gradualmente será imposta a nós por um inimigo invisível e mortal. No entanto, quando este desastre, como aparentemente deve ocorrer, for superado, quando finalmente festejarmos o momento suspenso em que é finda a angústia e ainda não está claro o porvir, quando tentarmos esquecer assim que possível o período que acabou de passar, inéditos e impotentes, talvez tenhamos aprendido que nem mesmo o medo da morte pode estabelecer igualdade entre os homens, mas que o afeto humano continua sendo nossa única salvação. (DE MASI, 2020).

Fruto de profecia autoexecutável, alardeada por décadas de advertências de acadêmicos das ciências referentes ao clima e às suas especialidades, de cientistas das humanidades - historiadores, cientistas sociais/econômicos/políticos, filósofos, antropólogos, jornalistas, escritores, pensadores e criadores das mais variadas atividades profissionais -, o modo de produção capitalista, em suas inúmeras e sucessivas contradições e crises, parece ter chegado ao ponto de irreversibilidade das consequências nefastas que sua natureza de moto-contínuo vem acarretando, aos diferentes sistemas e dinâmicas naturais que se intercambiam e se retroalimentam, aos seres vivos e a seus ambientes, desde a sua fase mercantilista que emergiu com a decadência do feudalismo e incrementou o processo de globalização. O escritor italiano Antonio Scuratti (2020), isolado na quarentena no mesmo país em que De Masi cumpre o isolamento, em um texto publicado em abril de 2020, vaticinou que estamos vivendo “o fim de uma era”. Os pesquisadores americanos Neil Howe e William Strauss apontam que vivemos, atualmente, “a quarta virada”, ciclo que finaliza um período de, mais ou menos, oitenta ou noventa anos, que é perigoso e crítico, porque o clímax inerente às crises gestadas durante esses ciclos vem acompanhado de ameaças à democracia e de violentos conflitos políticos e sociais. (BERMÚDEZ, 2020). E o sociólogo americano Jeremy Rifkin alertou que a maior parte da população mundial ignora que o planeta está enfrentando a sexta extinção em massa - com a qual há uma relação estreita de causa com aquilo que os cientistas denominaram de antropoceno -, e que nunca voltará a ter o clima, as temperaturas e mesmo o solo que existiam na era pré-moderna, tão imprescindíveis à sustentação da vida. (ZAFRA, 2020).

A pandemia certamente é um dos sintomas desse processo de degradação ambiental. Não que epidemias não tenham existido em tempos mais longínquos da história. Elas acompanharam a humanidade em sua saga. Que o digam escritores e pensadores que se concentraram e aproveitaram os períodos de isolamento em epidemias - especialmente a peste negra que durou séculos e que ainda ocorre na contemporaneidade, inclusive, no Brasil - para mobilizar seus repertórios e suas percepções do contexto que estavam vivendo a serviço de importantes produtos culturais, como foi o caso de

Giovanni Boccaccio e seu O Decameron, no século XIV, ou William Shakespeare e o texto Rei Lear, entre outros, no século XVII (MAGALHÃES, 2020). No entanto, os desavisados e incautos de agora não esperavam que um surto planetário acontecesse em pleno século XXI, em que abundam recursos médicos, sanitários, e o status da ciência, das tecnologias eletrônico-digitais, o grau de escolaridade, e os dispositivos e formas de comunicação são muito diferentes do passado, em muitos países. Mas a pandemia, como sintoma, também escancarou a verdadeira face do abismo social e suas conseqüentes injustiças, quanto ao acesso a bens, a serviços de qualidade, e à distribuição mais equitativa de renda, em diferentes lugares do planeta ou mesmo que nacionais de um mesmo território disputam de forma desigual.

Esse estado de coisas parece ter uma causa sociocultural mais remota ainda, registrada, principalmente, em fundamentos comuns às três maiores religiões monoteístas atuantes: pode ser encontrada no Livro do Gênesis capítulo 1, versículos 26 a 30 (BÍBLIA on, 2020), em que há a explícita relação da criação do homem com o meio ambiente, e da prerrogativa que este ganhou de dominar todos os outros seres vivos, além da incumbência de se multiplicar, povoar e, literalmente, “subjugar” a Terra.

De acordo com a hipótese do filósofo do campo da política e das ideias, o inglês John Gray (2006, p. 13), “o humanismo não é ciência, mas religião” e a ideia de que o “homem é a medida de todas as coisas”, dita por Protágoras e tão cara aos renascentistas é, de fato, o verdadeiro cerne das crises sobrepostas a que se chegou até o presente.

Para os cristãos, é porque ocorre na história que a vida dos humanos tem um sentido que a vida de outros animais não tem. O que permite aos humanos ter uma história é que, diferentemente de outros animais, eles podem escolher livremente como viver suas vidas. Recebem essa liberdade de Deus, que os criou segundo sua própria imagem. Se verdadeiramente deixarmos para trás o cristianismo, temos de desistir da ideia de que a história humana tem um significado. Nem no mundo pagão antigo nem em nenhuma outra cultura jamais se pensou que a história humana tivesse alguma significância que abrangesse tudo. Na Grécia e em Roma, era uma série de ciclos naturais de crescimento e declínio. Na Índia, era um sonho coletivo, interminavelmente repetido. A ideia de que a história tem de fazer sentido é apenas um preconceito cristão. Se acreditarmos que os humanos são animais, não pode haver algo como a história da humanidade, mas apenas as vidas de humanos particulares. Se, em algum momento, falamos da história da espécie, é apenas para significar o número incontável dessas vidas. Como no caso de outros animais, algumas são felizes, e outras miseráveis. Nenhuma tem um significado que vá além de si mesma. (GRAY, 2006, p. 64).

Assim, para Gray, o capitalismo é produto do que se concebe como humanismo que, por sua vez, está encapsulado no solipsismo da “espécie”, na “fé” no progresso, na exploração infinita dos recursos ambientais, e na crença de que pode alcançar sua emancipação da natureza; algo que não passa de uma concepção equivocada e sustentada, há séculos, como uma quimera. (Op. cit., p. 15). Tal dogma não parece ser uma boa perspectiva, ainda mais, considerando-se que, por volta de 2050, a humanidade contará com prováveis nove bilhões de habitantes (EMMOTT, 2013). Se o aquecimento global e as condições climáticas extremas se impõem e os recursos imprescindíveis à vida, cada vez mais escassos, não estão à disposição de todos os poucos mais de sete bilhões de seres humanos atuais, é imprudente, irresponsável, e terminal se continuar a propagação da máxima religiosa “crescei e multiplicai-vos”. Em algum momento muito próximo, o debate inadiável sobre natalidade e demografia deverá ser seriamente enfrentado, de forma laica e planetária - de fato está atrasado há, pelo menos, uns setenta anos, quando a população mundial contava com dois e meio bilhões de pessoas, no pós-guerra, o que, para o planeta, já havia passado do ponto ideal -, uma vez que o número

de humanos global é a causa primeira de todos os problemas ambientais, e o que está em jogo é a sobrevivência de todos os seres vivos, o equilíbrio dos sistemas, ciclos e dinâmicas naturais do planeta.

Abordando outro aspecto das consequências do capitalismo em sua fase atual, Jonathan Crary, em seu livro *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono* (2014), defendeu a tese de que a última fronteira de exploração e alienação do homem é dada pela invasão capitalista no período de sono e dos sonhos dos indivíduos. Estes seriam os últimos domínios que ainda restariam à humanidade como reservatórios destinados à privacidade, e à criação poética, pertencentes aos territórios do inconsciente, não subordinados à lógica da mercadoria. Mas há um problema a ser superado nessas investidas: até onde se sabe, não há técnica de extração dos sonhos para engarrafamento ou empacotamento; são incapturáveis e, portanto, inúteis para a exploração capitalista. Desse modo, a partir da lógica capitalista, sua ocorrência deve ser suprimida, se não totalmente, pelo menos, diminuída ao máximo, porque o sono e os sonhos retiram os indivíduos de atividades produtivas e lucrativas ao sistema. E Crary lembra, então, do interesse e experiências das vanguardas artísticas modernas, como o Dadaísmo e o Surrealismo, quanto à dimensão do inconsciente e sua importância na fundação de outro tipo de civilização. Com exemplos recentes que envolvem pesquisas de governos associados à indústria farmacêutica e às empresas de tecnologia digital, ele mostra que mesmo essas fronteiras estão sendo aviltadas. Está-se sob o regime de vigília de 24 horas, por 7 dias da semana. Ciclo homogêneo, amorfo, de produção e consumo globais ininterruptos, em que o tempo e o espaço perdem qualidade para a percepção e para o mundo vivido dos indivíduos. A pandemia, nesse sentido, enfatizou a sensação de que se vive um eterno “dia da marmota”² ou em um tempo sem qualidade, sem significado e sem perspectiva, para muitos.

Para além da vacuidade do slogan, a expressão 24/7 é uma redundância estática que desautoriza qualquer imbricação com as tessituras rítmicas e periódicas da vida humana. Evoca um esquema arbitrário e inflexível de uma semana de duração, esvaziado de quaisquer desdobramentos de experiências, cumulativas ou não. [...] Um ambiente 24/7 aparenta ser um mundo social, mas na verdade é um modelo não social, com desempenho de máquina - e uma suspensão da vida que não revela o custo humano exigido para sustentar sua eficácia. [...] O tempo 24/7 é um tempo de indiferença, ao qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e onde o sono não é necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia do trabalho sem pausa, sem limites. É um tempo alinhado com as coisas inanimadas, inertes ou atemporais. Como slogan publicitário, institui a disponibilidade absoluta - e, portanto, um estado de necessidades ininterruptas, sempre encorajadas e nunca aplacadas. A ausência de restrições ao consumo não é simplesmente temporal. Foi-se a época em que a acumulação era, acima de tudo, de coisas. Agora nossos corpos e identidades assimilam uma superabundância de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos em nível tóxico e muitas vezes fatal. A sobrevivência do indivíduo, a longo prazo, é sempre dispensável, se para tanto seja preciso contar, mesmo que indiretamente, com a possibilidade de interregnos sem compras ou sem o fomento delas. Da mesma forma, o imperativo

² Na tradição anglo-saxã americana e canadense, existe uma comemoração que acontece anualmente, no dia 02 de fevereiro, que se chama *groundhog day*, o dia da marmota, em português. “Ela tem raízes em tradições alemãs que usavam um texugo, cujas comemorações eram chamadas de *grundsaudaag* que, por sua vez, provavelmente foram antecedidas por ritos pagãos latinos e celtas, relativos à transição de estações climáticas. O objetivo é que o animal, como um oráculo, aponte se a primavera chegará logo ou se o inverno se prolongará mais no Hemisfério Norte, caso ele saia da toca e a ela retorne, em seguida. No cinema, existe um filme que faz alusão ao dia da marmota, em que o protagonista cai em uma espécie de feitiço, vivendo os mesmos eventos de um dia, repetidamente. Em português, o título do filme é *O Feitiço do Tempo*”. (ENGLISH live, 2020).

24/7 é inseparável da catástrofe ambiental, em sua exigência de gasto permanente e desperdício sem fim, e na interrupção fatal dos ciclos e estações dos quais depende a integridade ecológica do planeta. (CRARY, 2014, p. 18-19).

Já para o filósofo Byung-Chul Han, em seu livro *O aroma do tempo: um ensaio filosófico sobre a arte da demora* (2016), há, no senso comum, uma sensação de que o tempo se acelerou. No entanto, ele defende a tese de que o problema não está na aceleração do tempo, mas na dissincronia. Como alertam muitos pensadores que entendem haver uma diferença qualitativa entre a modernidade e a pós-modernidade, o problema da percepção do tempo acelerado, de fato, incide sobre a fragmentação da duração, em que se perdeu a ligação com ritmos organizadores da vida que a regulavam no passado.

A dissincronia não é o resultado de uma aceleração forçada. É a atomização do tempo a principal responsável pela dissincronia. É também a ela que se deve a sensação de que o tempo passa muito mais rapidamente do que antes. A dispersão temporal não permite a experiência de tipo algum de duração. Não há nada que reja o tempo. A vida não se enquadra numa estrutura ordenada nem se guia por quaisquer coordenadas que engendrem uma duração. Identificamo-nos também com a fugacidade e o efêmero. E, assim, cada um de nós próprios se torna qualquer coisa de radicalmente passageira. A atomização da vida supõe uma atomização da identidade. Cada um passa a ter-se somente a si mesmo, o seu pequeno eu. Em certo sentido, sofremos uma perda radical de espaço, de tempo, do ser-com (*Mitsein*). A pobreza do mundo é uma condição discrônica. Faz com que cada um se encerre no seu pequeno corpo, tentando mantê-lo *saudável* por todos os meios, pois que, a não ser assim, nada mais lhe resta. A saúde do frágil corpo de cada um substitui o mundo e substitui Deus. Nada perdura além da morte. Hoje em dia, morrer torna-se especialmente difícil. As pessoas envelhecem sem se tornarem *maiores*. (HAN, 2016, p. 9-10).

A solução, segundo o filósofo, passa por se retirar o foco na “*vita activa*”, especialmente descrita pela filósofa Hannah Arendt, em seu livro *A condição humana* (2010), e se investir mais na “*vita contemplativa* ou vida reflexiva”.

Talvez seja um traço distintivo do presente que os pensadores, já escassos, escasseiem ainda mais hoje em dia. Talvez tenha prejudicado muito o pensamento o facto de a *vita contemplativa* ter-se visto cada vez mais marginalizada em benefício da *vita activa* e de a inquietação hiperativa, a agitação e o desassossego atuais não se casarem bem com o pensamento, que este, em consequência de uma pressão temporal cada vez maior, tenda a não fazer mais do que reproduzir o mesmo. Nietzsche já denunciara que a sua época era pobre em grandes pensadores. Atribuía essa pobreza a “uma relegação e uma ocasional depreciação da *vita contemplativa*”: “o trabalho e o céu - outrora parte do séquito da grande deusa Saúde - parecem por vezes causar estragos à maneira de uma doença”³. Uma vez que falta tempo para pensar e tranquilidade no pensar, as posições divergentes repelem-se. Começam a odiar-se. A inquietação generalizada não permite que o pensamento aprofunde, que se distancie, que chegue a algo verdadeiramente outro. O pensamento já não dita o

³ NIETZSCHE, F. *Menschliches, Allzumenschliches I*, vol 2, Berlim, 1967. pp. 234 e segs.

tempo, mas é o tempo que dita o pensamento. Daí, que este se torne temporário e efêmero. Deixa de comunicar o duradouro. Todavia, Nietzsche crê que estas queixas acabarão por emudecer quando “regressar, pujante, o gênio da meditação”⁴. (HAN, Op. cit., p. 129-130).

De que forma, então, se pode resistir à lógica, às engrenagens e às perdas de referências de espaço-tempo inerentes ao capitalismo tardio, financeiro, relacionado à quarta revolução industrial, à indústria 4.0, à Internet das coisas, aos *big data*, à Internet nas nuvens, à realidade aumentada, à digitalização e robotização de processos, rotinas e serviços, à vigilância e sistemas de cibersegurança, com suas consequentes perdas da privacidade, às biotecnologias, ao transhumanismo em que, muito possivelmente, um de seus desdobramentos poderá vir, por exemplo, a transformar a condição da insônia, hoje entendida como patológica, como algo a ser buscado e desejado, de maneira que os parâmetros de competitividade e produtividade sejam alçados a patamares estratosféricos? Um primeiro passo, talvez, seja se identificar, conhecer e se pensar de que forma e em que tipos de espaços-tempos essa lógica se manifesta e que implicações tem na vida social, de maneira que se possa reagir a ela ou mesmo, e mais contundentemente, subvertê-la.

O AGENCIAMENTO POÉTICO COMO POSSIBILIDADE DE AÇÃO E RESISTÊNCIA⁵

O agenciamento deve ser compreendido por meio das *linhas de fuga* que ele gera, quando se tenta observar corpos, ações, eventos e representações em interação, em um dado tempo, em um dado espaço, mas que só podem ser mapeados precária ou transitoriamente, pelas condições intrínsecas e inexpressáveis dessas inter-relações. Os aspectos imateriais, invisíveis ou impalpáveis, mas reais, implicados nas relações, “os incorporais” (CAUQUELIN, 2008) devem ser vistos como atributos dos corpos, a eles ligados, inextricavelmente. As coordenadas envolvidas nesse adensado espaço e tempo, melhor dizendo, *espaço-tempo*, não devem ser entendidas como *a priori*s, mas aspectos constitutivos, indissociavelmente, desses centros de convergência que são os agenciamentos. Entendidos desta maneira, os agenciamentos não constroem uma teleologia, uma linha evolutiva ou sucessória de fatos, e, frontalmente, opõem-se a esta concepção de História.

Segundo Deleuze e Guattari (1995), o “agenciamento” é a partícula mínima existente a ser considerada, na semiótica que propõem. Ele possui uma tetravalência constituída por dois eixos: um horizontal e outro vertical.

Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos: um de conteúdo, o outro de expressão. Por um lado, ele é *agenciamento maquínico* de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; por outro lado, *agenciamento coletivo de enunciação*, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem, de uma parte, *lados territoriais* ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte, *picos de desterritorialização* que o arrebatam. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 29).

⁴ Op. cit., p. 235.

⁵ Uma parte desta seção do artigo pertence à tese de doutorado defendida no programa de pós-graduação em Geografia, pela UFPR, de minha autoria, cujo título é O espaço urbano vivido, percorrido e produzido por práticas artísticas contemporâneas, na cidade de Curitiba, que aqui foi reorganizada e ampliada. (BLOOMFIELD, 2012, p. 53-68).

A aceitação e a compreensão destes pressupostos trazem implicações importantes, na compreensão dos processos semióticos entre elementos dispostos relacionalmente no espaço-tempo. Assim, Deleuze e Guattari acolheram a teoria semiótica de Hjelmslev, para o desenvolvimento de sua “semiótica dos agenciamentos”. Da semiótica de Hjelmslev, reconheceram a importância que este deu à solidariedade entre expressão e conteúdo e a impossibilidade de haver algum tipo de prevalência de um ou de outro, nas funções semióticas. Desta forma, a teoria de Hjelmslev se afasta das teorias saussurianas, em que há relação de subordinação entre significante/significado.

A proposição teórica dos agenciamentos, de Deleuze e Guattari, foi colocada em contraste com a teoria dos enunciados de Foucault, no que se refere, especificamente, à força articuladora dos agenciamentos que, para Foucault, é constituída por relações de poder. Para Deleuze e Guattari, diferentemente, tal força é o desejo, “sendo o desejo sempre agenciado, e o poder, uma dimensão estratificada do agenciamento”. (Op. cit., p. 98).

Assim, as dimensões espaço e tempo, como tudo o que com elas mantém relação, devem ser entendidas, não como cenários, palcos para o mundo entrar em cena, ou como continentes, mas como algo que só pode se manifestar e ser cognoscível, à medida que os agenciamentos vão estabelecendo seus entrelaçamentos.

Massey (2008, p. 29) pressupôs três grandes orientações para se pensar o espaço: 1) como um produto de inter-relações, de interações, também entre o nível macro e micro; 2) como existência da multiplicidade, da pluralidade, da coexistência da heterogeneidade; 3) como algo que está sempre em construção. Massey foi além das ideias de Bergson, quando ela se contrapôs à tese bergsoniana da irreversibilidade e da continuidade da duração, se aproximando mais das teses das ciências da complexidade e da mecânica quântica. Ela também rejeita a ideia kantiana de que o espaço representa um *a priori* da consciência e da percepção, mas insiste que, não sendo diferente do tempo, ele se constrói como categoria, permanentemente, enquanto múltiplas coisas no espaço-tempo estão acontecendo e se encontram em relação. “Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea de outros”. (MASSEY, Op. cit., p. 15). Entendidos desta forma, tempo e espaço não são estruturas fechadas, mas comportam o acaso, o devir, e a abertura para políticas efetivas de conectividade, os “agenciamentos”. A multiplicidade de relações no espaço-tempo é que constrói o social.

Wolf-Dietrich Sahr propõe uma análise espacial que leve em conta a ocorrência de diferentes tipos de “agência” em interação: dos espaços do trabalho e do consumo; dos espaços do fazer; dos espaços do agir. (SAHR, 2008, p. 50-51).

Os espaços do trabalho e do consumo, em geral, são frutos da racionalização técnica homogeneizadora, próprios da sociedade industrial. “Neles, os humanos territorializam-se através de rotinas, muitas vezes com ações subconscientemente internalizadas, que formam corpos e subjetividades”. (SAHR, 2008, p. 50). Trata-se de espaços institucionalizados, em que a possibilidade de autoexpressão e criação dos indivíduos é reduzida por suas determinações e coerções.

Os espaços do fazer possibilitam uma maior individuação e formação de coletividades, sob o regime da vivência cotidiana. “Os mais importantes exemplos disso são os espaços do mundo vivido familiar, espaços étnicos e de resistência, mas também os cenários sociais, artísticos e de fantasia”. (SAHR, 2008, p. 51). Nesses espaços, as atividades expressivas, rituais e simbólicas são múltiplas e não estão totalmente subjugadas aos espaços institucionalizados e hierarquizados. Aqui, a diferenciação social se manifesta mais contundentemente.

Os espaços do agir se caracterizam por seu alto grau de expressividade e criação. Neles, os indivíduos podem realizar plenamente o “habitar poético” em “territórios de liberdade”. “Trata-se dos verdadeiros *EspaçoMUNDOS*, com uma miríade de lógicas, mesológicas, afetos e atmosferas criativas”. (Op. cit., loc. cit.). Altamente instáveis e cambiantes, estes são os espaços exemplarmente

instaurados pelos artistas. Neles, as *linhas de fuga*, o devir, no sentido deleuziano, têm ampla e múltipla probabilidade de ocorrerem.

Esta concepção de uma geografia social e cultural da ação nos parece possível quando abordamos a questão da “forma geográfica” de uma nova maneira. Deveríamos rejeitar o formalismo geográfico atualmente vigente, expresso tanto na abordagem do “território”, como na abordagem das “redes”, e ampliar a questão da forma para a questão do “agenciamento” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 218-220)⁶, do enquadramento da ação e do movimento nas formas de convivências e dos conjuntos sociais. Deveríamos pesquisar, assim, os rizomas, as junções, os hibridismos, mas também as divergências e as contradições dentro da sociedade, quando aparecem como formas de expressão corporal ou significativa. (SAHR, Op. cit., p. 52).

O mundo e o destino humano, entendidos por um conjunto de ações e relações que os constroem, inextricavelmente ligados ao conceito de liberdade, são alguns dos objetos das proposições filosóficas existencialistas de Jean-Paul Sartre. Em seu famoso texto *O Existencialismo é um Humanismo*, publicado em 1946, após as críticas ao seu livro *O ser e o Nada*, de 1939, Sartre trouxe importantes contribuições para as propostas acionistas, para as políticas de conectividade assim como para as poéticas dos agenciamentos. A máxima “a existência precede a essência” é um dos fundamentos de sua doutrina filosófica que, associada ao materialismo, oferece um importante aporte para os acionismos, ou o espaço-tempo de ação contra ordens que tentam prevalecer como hierárquicas, opressoras e condutoras da vida social. Para Sartre, o agir está no centro do que se entende por humano. E a dimensão ética emerge.

Dostoiévski escreveu: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Eis o ponto de partida do existencialismo. De fato, tudo é permitido se Deus não existe, e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos valores ou ordens que possam legitimar nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. O existencialista não acredita no poder da paixão. Ele jamais admitirá que uma bela paixão é uma corrente devastadora que conduz o homem, fatalmente, a determinados atos, e que, conseqüentemente, é uma desculpa. Ele considera que o homem é responsável por sua paixão. O existencialista não pensará nunca, também, que o homem pode conseguir auxílio de um sinal qualquer que o oriente no mundo, pois considera que é o próprio homem quem decifra o sinal como bem entende. Pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante. Ponge escreveu, num belíssimo artigo: “O homem é o futuro do homem”. É exatamente isso. Apenas, se por essas palavras se entender que esse futuro está inscrito no céu, que Deus pode vê-lo, então a afirmação está errada, já que, assim, nem sequer seria um futuro. Se se entender

⁶ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

que, qualquer que seja o homem que surja no mundo, ele tem um futuro a construir, um futuro virgem que o espera, então a expressão está correta. Porém, nesse caso, estamos desamparados. (SARTRE, 1987, p. 9-10).

A citação poderia induzir alguém ao pensamento equivocada de que Sartre considerava somente a dimensão da subjetividade, o possível acionismo e escolhas idiossincráticas, ao centralizar o agir como aquilo que é próprio do que se entende por humano. No entanto, ao falar da subjetividade de onde a sua proposição existencialista partiu, estava, ao mesmo tempo, implicando a dimensão coletiva, social, exatamente porque a “existência precede a essência”, ou seja, todos os homens nascem em um contexto geográfico, histórico, político, social, cultural, econômico e o seu agir, a sua construção ao longo da vida, implica e espelha toda a humanidade.

De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. [...] Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem. Tudo isso permite-nos compreender o que subjaz a palavras um tanto grandiloquentes como angústia, desamparo, desespero. Como vocês poderão constatar, é extremamente simples. Em primeiro lugar, como devemos entender a angústia? O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, Op. cit., p. 6-7).

Se para pensadores pós-estruturalistas, como alguns dos citados acima, é preciso retirar o homem da centralidade na vida do planeta, se é preciso pensar em novas bases econômicas e se proteger a democracia, se é preciso admitir que existem e se diminuir as desigualdades sociais de toda a ordem, se é preciso abraçar o entendimento, que tem origem nas ciências da complexidade e na física quântica, sobre as dimensões espaço-tempo como algo que não está dado *a priori*, mas que está em permanente construção pelos agenciamentos e pelas necessárias políticas de conectividade, é possível pensar que a ética existencialista sartreana lhes é solidária, porque apresenta a ideia de que o homem pode ser avaliado somente ao cabo de sua vida, quando o conjunto de suas ações falar por ele, e não antes, porque ainda não terá sido finalizada sua própria construção como ser humano, que deve envolver a responsabilidade por si e, ao mesmo tempo, implicar a responsabilidade por toda a humanidade.

A exposição, até aqui, teve como objetivo municiar o leitor do presente artigo, sobre as bases teórico-filosóficas que estão implicadas na concepção e desdobramentos do projeto artístico de interação Quarentinas com Borges, Calvino e Maciel, que foi colocado em curso, como uma resposta quase imediata à conjuntura inédita e uma tentativa de tornar significativo, qualitativamente, o período de isolamento causado pela epidemia de Covid-19. Esta é somente mais uma proposição artística, em meio a tantos milhares de outros projetos que estão se multiplicando e povoando espaços físicos,

espaços da Web, e das redes sociais. Essas proposições e projetos estão sendo gerados como respostas à possibilidade que a natureza ofereceu para a ocorrência do “ócio criativo” em escala planetária, para os “espaços do agir”, uma parada mais que bem-vinda no tempo 24/7, para que haja a chance de ressignificações sobre as relações que a sociedade vinha tendo com o meio ambiente e mesmo entre seus próprios membros. Do caos pode surgir uma nova ordem. De uma distopia...

PROJETO QUARENTINAS COM BORGES, CALVINO E MACIEL

O Projeto Quarentinas⁷ foi concebido, a partir de uma brincadeira e uma promessa que fiz à minha filha, de quem estou separada, fisicamente, nesta quarentena. Quando já estávamos distantes e ilhadas, cada uma em um apartamento diferente, eu lhe enviei um áudio gravado, pelo WhatsApp, em que cantei o refrão da música *You are my Sunshine*⁸. Naquele início do isolamento, no qual estamos imersas até a presente data, eu lhe prometi que enviaria áudios com leitura de textos ou que gravaria canções para ela dormir, como eu fazia quando ela era pequena, em quase todas as noites de sua infância.

Então, pensei que poderia desenvolver uma troca artística com ela, de imagens produzidas a partir dos áudios. Essa seria uma forma de nos manter ligadas, de maneira lúdica, afetiva e poética, mesmo à distância. O pensamento se expandiu, quase no mesmo instante. Em seguida, pensei: - "Por que não estender esta proposta aos meus amigos, especialmente àqueles com quem tenho contatos recorrentes, pelo celular? Pode ser que gostem da ideia..."

Assim, desde o final de março de 2020, a concepção e o desenvolvimento deste projeto foram se desdobrando ao sabor dos acontecimentos, de insights, da sorte, de mistérios inexplicáveis, de sincronicidades surpreendentes, e das respostas encorajadoras dos convidados. Fui convidando amigos com quem converso com mais frequência, dentre meus contatos do aplicativo WhatsApp, que aderiram à proposta e retroalimentaram a minha intuição de que se tratava de algo factível e, mesmo desejável, como rota de fuga da distopia pandêmica.

Em uma decisão rápida, a partir da aceitação da maior parte das pouco mais de vinte pessoas que foram convidadas inicialmente para ouvir os áudios gravados de textos literários com a minha voz, para serem enviados pelo aplicativo WhatsApp, de um dos livros de que mais gosto, resolvi ampliar o escopo do projeto e agrupar outros amigos ao redor de outros dois livros de que também gosto bastante e que, de muitas formas, se interconectam, especialmente, pelo forte caráter imagético de suas narrativas. Mas não só por isto: esses livros se entrelaçam também pelos muitos segredos e sutilezas que reservam aos leitores/ouvintes mais atentos. Pode-se até dizer que dois deles estão visceralmente irmanados com o estilo, com o pensamento rizomático, e com a verve poética do grande escritor argentino Jorge Luis Borges.

Os livros que escolhi para o envio dos áudios, por ordem de eleição e dos desdobramentos imprevisíveis que foram se consolidando, desde as primeiras horas do projeto e ao longo dos cinco meses de trabalho intenso, de abril a agosto de 2020, são os seguintes: *As Cidades Invisíveis* (1990), de Italo Calvino, cujos áudios foram enviados, semanalmente, às quintas-feiras; *O Livro dos Seres*

⁷ Quarentinas é um neologismo que inventei, para fazer alusão à quarentena e aos exercícios de criação de caráter rápido, conhecidos como "repentinas".

⁸ “[...] *You are my sunshine, my only sunshine/ You make me happy when skies are grey/ You'll never know, dear, how much I love you/ Please, don't take my sunshine away* [...]”. “Você é meu raio de sol, meu único raio de sol/ Você me faz feliz quando o céu está nublado/ Você nunca saberá, querida, o quanto eu te amo/ Por favor, não leve embora o meu raio de sol”. (LETRAS, 2020, minha tradução).

Imaginários, de Jorge Luis Borges (2000), cujos áudios foram enviados às sextas-feiras; O Livro dos Nomes (2008), de Maria Esther Maciel, cujos áudios foram enviados todos os domingos.

Ao final dos convites e adesões, reuni um grande grupo de pouco mais de quarenta pessoas, que foram distribuídas em três grupos associados aos três livros mencionados. No primeiro grupo, destinado ao livro de Calvino, aceitaram o convite inicialmente vinte e duas mulheres, a maior parte ligada profissionalmente às áreas de criação e/ou visualidade: arquitetura; artes visuais; design; música; biologia. Para o segundo grupo, destinado ao livro de Borges, convidei somente homens, a maior parte deles, também ligada profissionalmente às áreas de criação, como artes visuais e música. O terceiro grupo, destinado ao livro de Maciel, ficou caracterizado pela diversidade de gênero, idade e atividade profissional de seus membros, dentre eles: artistas visuais e/ou professores universitários; geógrafos; professora de Educação Básica; tradutora e professora de inglês; estudantes universitários; químico; antropóloga; médica obstetra; psicanalista e antropólogo; e socióloga. Ocorreu-me que, ao fazer o convite para o primeiro livro, havia decidido convidar somente mulheres, inicialmente, como um desafio para pensarem sobre as relações materiais e imateriais em concorrência nas cidades. Quando pensei em abranger mais um livro no projeto Quarentinas, vi que seria interessante convidar homens para pensarem nas relações que a humanidade, como espécie, mantém com outros seres vivos do planeta, usando a literatura fantástica de Borges como metáfora. Então, vi que, como a maior parte desses amigos dos dois primeiros grupos era oriunda das áreas de criação, resolvi convidar um grupo mais heterogêneo, sob diferentes aspectos já mencionados, destinado ao livro da autora Maciel, para pensarem nas questões éticas de relações interpessoais. Entre os participantes, existem os que residem em Curitiba, PR; outros, em outras cidades do país; e duas participantes encontram-se na Europa.

Um detalhe que considero relevante: eu me inseri nos três grupos, como uma participante, para produzir imagens para os três livros. E, reclusa como estou até o presente momento, me vali daquilo que possuo em casa, na produção das imagens que foram feitas, aliás, pela câmera fotográfica do mesmo celular em que os áudios foram gravados e, por meio do qual, foram enviados aos participantes. A maior parte dos participantes fez o mesmo, para a produção das imagens. A todos os participantes, pedi que guardassem sigilo sobre sua participação no projeto e que não deveriam mostrar as imagens que estavam produzindo a ninguém. Naquela altura, eu não sabia bem o porquê de lhes pedir isso, mas se revelou uma boa intuição, mais à frente.

O grande grupo, somatório dos três conjuntos, não produziu todas as imagens de maneira equânime, ao longo do período de cinco meses e, mais ou menos a metade, manteve a produção até o final: houve oito pessoas que, mesmo tendo aceitado e se comprometido com a audição dos textos, acabaram não produzindo nenhuma imagem; quatorze pessoas que produziram menos do que dez imagens; e um grupo mais assíduo, de vinte e duas pessoas, que produziu dez imagens ou todas, até o final dos cinco meses. Entre as imagens produzidas, há fotografias que registram trabalhos realizados em diversas linguagens, como desenho, instalação, cerâmica, pintura, colagem, objetos e escultura. Alguns trabalhos se constituem como audiovisuais.

A decisão de quais textos desses livros gravar e enviar foi se dando, semanalmente, de acordo com relações que quis enfatizar do isolamento com eventos nacionais e internacionais que foram sucedendo, ao longo dos cinco meses. Muitas vezes, a seleção dos textos deu-se a partir de eventos políticos/econômicos/socioculturais, do contexto distópico que o planeta compartilha. Em outros momentos, os textos selecionados anteciparam-se aos acontecimentos, num entrelaçamento entre ficção e realidade. E como as literaturas destes três autores selecionados são atuais e instigantes, para se pensar filosófica, teórica e artisticamente sobre o contexto planetário!

Do livro de Calvino, no total, foram enviados áudios de vinte textos selecionados; de Borges, a mesma quantidade; do livro de Maciel, enviei os áudios de todos os personagens de sua lista alfabética, porque não fazia sentido enviar uma seleção menor, uma vez que todos os personagens estão relacionados, de alguma forma, e da metade para o final de sua leitura, é possível se perceber que se

trata de um romance e não de pequenos contos estanques. Para que os participantes desse grupo não percebessem logo de início essa característica do livro, fui enviando, fora da ordem alfabética determinada pela a autora, primeiro os textos que não revelassem a grande teia em que todos os personagens estavam envolvidos. Pouco antes da metade do livro, no entanto, não foi mais possível manter essa estratégia, por conta das pistas deixadas pela a autora, nos textos do livro, e, assim, os participantes desse grupo do projeto começaram a perceber as relações que existiam entre os personagens.

Os três livros configuram-se, ora mais ora menos, como uma mistura de inventário, lista, simulação de taxonomia científica, e coleção: de Borges, um bestiário de seres fantásticos/mitológicos, alguns, monstruosos; de Calvino, cidades imaginárias do antigo império mongol de Klubai Khan, todas, com nomes femininos; de Maciel, uma lista de nomes em ordem alfabética, cujas vidas dos personagens estão entrelaçadas nas diferentes narrativas que resultam num romance, circunscritas em um arco de tempo que vai do início do século XX até a década de 1990. A autora Maria Esther Maciel, que além da escrita de ficção também se dedica a textos teóricos, sobretudo à literatura latino-americana, com especial atenção a Borges, explicou:

Enciclopédias, coleções, listas e inventários são, portanto, indissociáveis e se entrelaçam de maneira intrínseca, não obstante suas diferenças enquanto procedimentos de classificação. Se a lista significa uma relação de nomes de pessoas e coisas, circunscrevendo-se predominantemente à esfera da palavra, da inscrição simbólica, o inventário é mais genérico, por abranger tanto os nomes quanto as coisas, constituindo uma espécie de levantamento exaustivo dos itens que integram um dado conjunto ou acervo. Já a coleção é uma forma mais específica de ajuntamento, por incluir itens que mantêm necessariamente uma relação entre si, dado que são objetos da mesma natureza ou de características afins. O inventário pode incluir listas e coleções. Coleções e inventários podem ser transcritos em listas, adquirindo formas de catálogos, cadastros e fichários. Listas podem compor uma coleção de palavras. E a enciclopédia é o território por excelência desse conjunto de dispositivos taxonômicos. Todos eles, de caráter móvel e intercambiável, indiciam a diversidade de formas com que buscamos organizar a ordem desordenada da vida. (MACIEL, 2009, p. 30).

Assim, esses três livros de ficção de que gosto muito, há muito tempo, me foram úteis como instrumentos a serviço da reflexão sobre o tempo presente, especialmente, em situação de privação do convívio social. Por sua natureza mediadora, tive a intenção de usá-los como metáforas, para provocar em meus ouvintes, a possibilidade de refletirem e ressignificarem suas relações com a natureza, com o espaço-tempo próximo e distante, e com a alteridade.

O livro é muitas coisas. Como um repositório de memória, um meio de transcender os limites do tempo e espaço, um local para reflexão e criatividade, um arquivo da nossa experiência e da dos outros, uma fonte de iluminação, felicidade e, às vezes, consolo, uma crônica de eventos passados, presentes e futuros, um espelho, uma companhia, um professor, uma invocação dos mortos, um divertimento, o livro em suas várias encarnações, da placa de barro à página eletrônica, tem servido há bastante tempo como metáfora para muitos de nossos conceitos e realizações essenciais. Quase desde a invenção da escrita, há mais de 5 mil anos, os sinais que formam palavras para expressar (ou tentar expressar) nosso pensamento, apareceram a seus usuários como modelos ou imagens de coisas tão intrincadas e incertas, tão concretas ou tão abstratas como o mundo em que vivemos e até mesmo como a própria vida. (MANGUEL, 2017, p. 20-21).

A transmissão de suas narrativas, de forma oral e por dispositivo eletrônico-digital, conceitualmente, reforçou a dependência dos, muitas vezes famigerados, aparatos e redes digitais, de forma a manter a interação social. Mas como dispensar esta forma de comunicação, em tempos pandêmicos? O desafio de produzir imagens, a partir de escutas, é particularmente desafiador para os mais acostumados com o âmbito criativo/profissional que opera, majoritariamente, pela visualidade. Eu sei disto e, deliberadamente, lancei esta provocação. Em todos os casos, o ato da leitura requer do leitor ou do ouvinte, intencionalidade, concentração e um contrato inerredável com a aventura na qual está prestes a imergir.

ETAPA ATUAL DO PROJETO: JOGO DAS TROCAS DE CARTÕES-POSTAIS

Quando o projeto chegou aos quatro meses da dinâmica de envio-de-áudios-em-troca-de- imagens, produzidas em diálogo com os textos selecionados dos três livros de Borges, Calvino e Maciel, consultei os participantes, por WhatsApp, sobre se estariam dispostos a continuar no projeto. Dentre os que desistiram, disseram que gostariam de continuar, mas que múltiplas tarefas os estavam consumindo e, assim, estes preferiram deixar de produzir as imagens, mas me pediram para continuar a enviar os áudios, porque os reputavam como uma espécie de intervalo e “um respiro”, em seus dias atribulados. Voltando às origens deste projeto, que se refere à minha filha, alguns participantes me disseram que esperavam a noite chegar, para ouvirem as gravações de áudio na hora de dormir. Outros poucos me pediram para, inclusive, parar de enviar os áudios, porque, para estes, a remessa semanal das narrativas funcionava como uma espécie de instrumento de medição do tempo decorrido e isso causava-lhes certa angústia, uma vez que não conseguiam produzir nenhuma imagem. Desde o começo do isolamento social, estes começaram a trabalhar muito mais do que antes e como loucos, em suas atividades profissionais, em intermináveis sessões on-line, tragados pelo regime “24/7”. Para os que quiseram continuar, informei que o envio dos áudios duraria somente mais um mês, o que alcançaria o mês de agosto de 2020.

Assim, os áudios para o grupo de Calvino foram enviados sempre às quintas-feiras, de 02/04 a 13/08/20. Os que foram para o grupo de Borges, enviados às sextas-feiras, de 03/04 a 14/08/20. Os que foram para o grupo de Maciel, aos domingos, de 05/04 a 16/08/20. Até aquele momento, houve o envio de vinte textos, para cada um dos grupos. Mas, como o livro de Maciel não poderia ser completamente entendido, caso todos os personagens não fossem enviados, no dia 19/08/20, enviei os últimos sete textos que o completaram. Isso se configurou como especialmente importante, porque, para os participantes deste último grupo, eu ainda propus mais uma tarefa para a qual dei como prazo final de entrega, o último dia de agosto: a produção de uma imagem, em que deveriam mostrar as relações entre os personagens, utilizando, para isso, o expediente de uma árvore genealógica, um fluxograma, um quadro sinótico ou qualquer esquema que quisessem usar ou criar para tal exercício. Caso ainda quisessem produzir imagens para os sete últimos personagens, cujos áudios haviam sido enviados de uma só vez para a inteligibilidade total do livro, eu as aceitaria também.

Prazo findo e tudo entregue, procedi à organização de todo o material imagético que os participantes haviam enviado, de forma a preparar apresentações de Power Point, para que as imagens lhes fossem enviadas por e-mail e pudessem apreciar os trabalhos, uns dos outros. No período de duração de cinco meses, em que as imagens foram produzidas, foram enviados sessenta e sete textos, lidos por mim, em voz alta, pelo celular, para os três grupos - vinte textos para o grupo de Calvino; vinte textos para o grupo de Borges; vinte e sete textos, para o grupo de Maciel -, sendo que eu fui a única participante que produziu imagens para os sessenta e sete textos.

Abaixo, apresento três exemplos da produção das imagens que os participantes enviaram, por e-mail, para mim. Cada uma das figuras (1, 2 e 3), é um agrupamento dos trabalhos de diferentes autores, e refere-se à produção de imagens para um dos textos, de cada grupo relacionado aos escritores Borges,

Calvino e Maciel. No espaço deste artigo, seria impossível reproduzir todas as imagens dos participantes, para o total de sessenta e sete áudios que foram enviados com os textos dos livros.

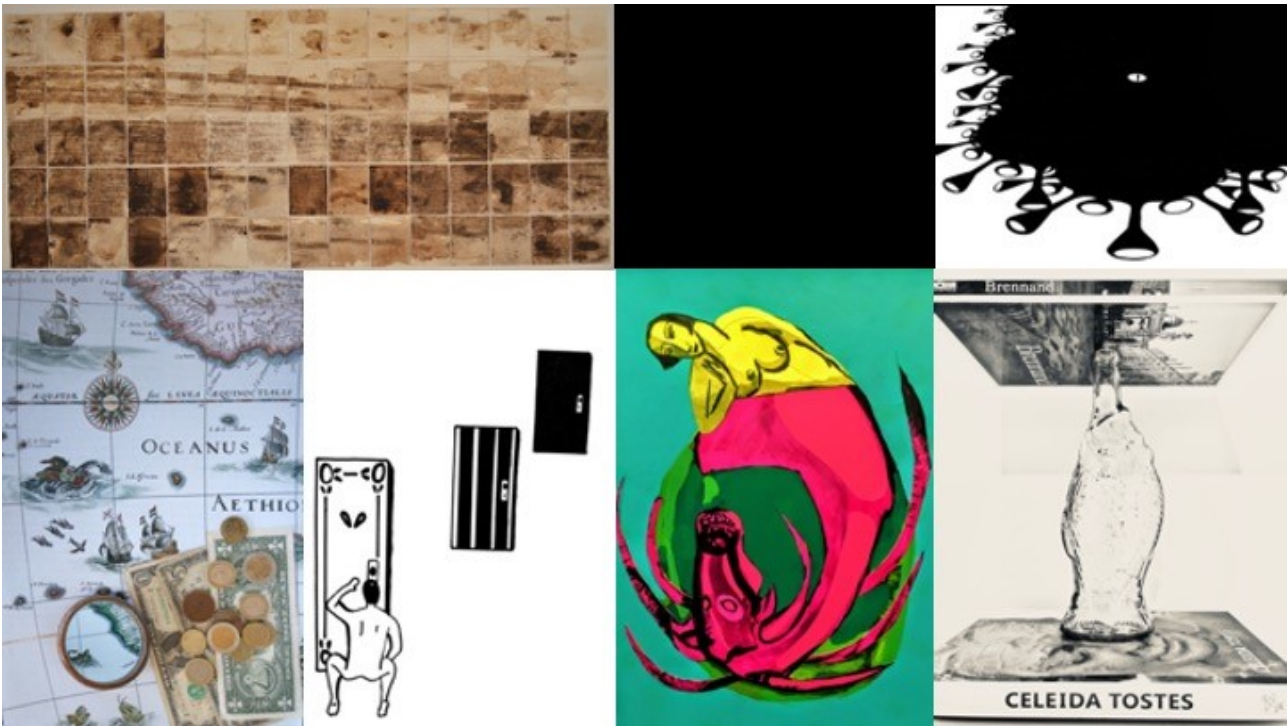


FIGURA 1 - Exemplo de imagens produzidas pelos participantes do grupo que ouviu os áudios de textos do O Livro dos Seres Imaginários, de Jorge Luis Borges, constituído por homens, à minha exceção. Nesta coleção, acima, as imagens referem-se ao texto Bahamut, cujo áudio foi difundido, em 10/04/20. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Emanuel Monteiro; Tom Lisboa; Luís Carlos dos Santos; Renan Archer; Emerson Persona; e Tânia Bloomfield. FONTE: Acervo desta pesquisadora.



FIGURA 2 - Exemplo de imagens produzidas pelas participantes do grupo que ouviu os áudios de textos do As Cidades Invisíveis, de Italo Calvino, constituído somente por mulheres. Nesta coleção, acima, as imagens referem-se ao texto As Cidades Delgadas 2, Zenóbia, cujo áudio foi difundido, em 13/08/20. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Marília Diaz; Giovana Casagrande; Tânia Bloomfield; Denise Bandeira; Isabelle Catucci; e Leila Alberti. FONTE: Acervo desta pesquisadora.

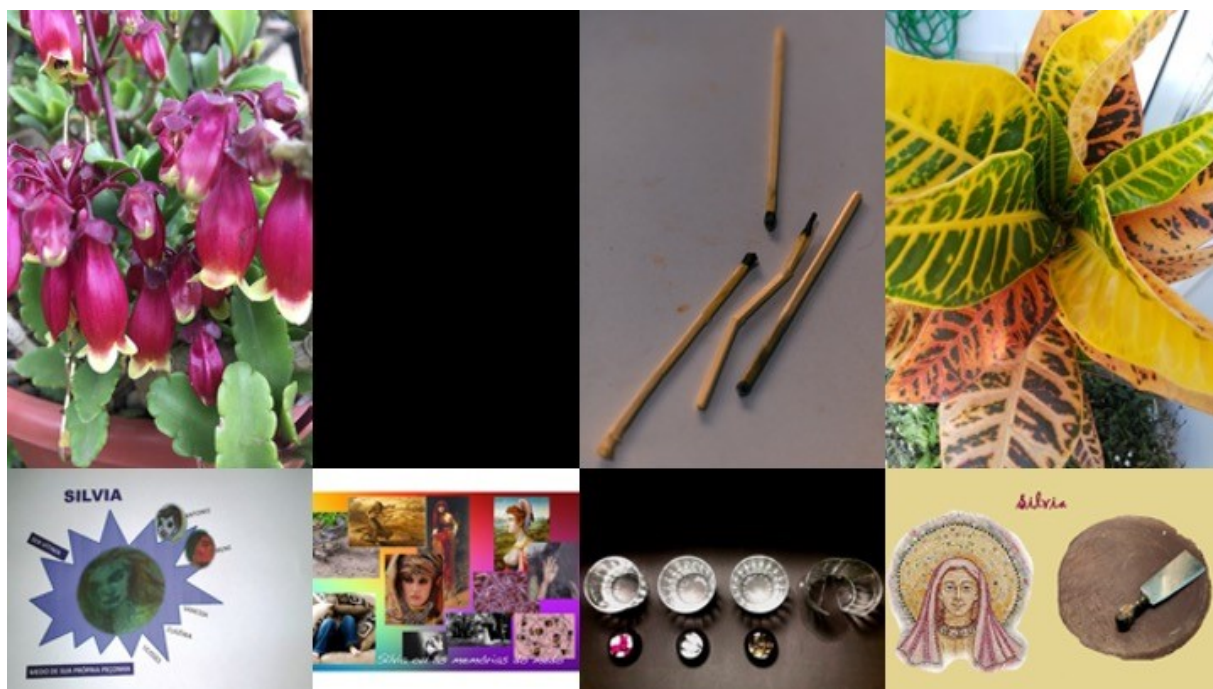


FIGURA 3 - Exemplo de imagens produzidas pelos participantes do grupo que ouviu os áudios de textos do O Livro dos Nomes, de Maria Esther Maciel, constituído por diversidade de gênero, idade e atividade profissional. Nesta coleção, acima, as imagens referem-se ao texto Sílvia ou as memórias do medo, cujo áudio foi difundido, em 19/08/20. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Vera Carvalho; Maria Eduarda A. Pinto; Márcia Oliveira; Salete Kozel; Mariane Corbetta; Tânia Bloomfield; e Célio Pinheiro. FONTE: Acervo desta pesquisadora.

No entanto, eu ainda havia lhes reservado uma surpresa: as imagens seriam apresentadas, mas sem que fosse possível se saber a autoria de quem as produziu. Mande-i-lhes um e-mail, no dia 16/09/20, propondo um jogo de troca de cartões-postais com as imagens produzidas por eles, em que delinee-i algumas regras e dei algumas informações importantes sobre como se daria a dinâmica do jogo, caso quisessem aderir à interação. Portanto, o jogo do projeto Quarentinas consiste na produção dos cartões-postais, a partir das imagens que foram produzidas em diálogos com os textos enviados por áudio, para serem enviados pelos Correios.

Isto agregará às imagens produzidas, o fetiche dos selos, dos carimbos, do tempo e da expectativa que decorrerão entre a produção dos cartões-postais e seu recebimento, nas caixas de correspondência dos destinatários. Afinal, como ato de rebeldia e nostalgia, textos lidos e gravados em áudios digitais, à semelhança das radionovelas, parecem exigir, em contrapartida, uma circulação física das imagens, tal como ocorria com a literatura epistolar profusa de tempos pré-digitais mencionada por Calvino, no texto que dedicou à cidade de Maurília, a cidade dos cartões-postais, em *As Cidades Invisíveis*. Ou, ainda, como ocorreu no que ficou conhecido como *Arte Postal* ou *Mail Art*, especialmente durante os anos de chumbo, no Brasil, na década de 1970, como forma dos artistas driblarem a opressão e a censura do regime militar ditatorial, de maneira que pudessem se expressar artisticamente e resistirem politicamente.

Já conhecida pelos futuristas, tendo um precursor em Duchamp, mas nascida oficialmente nos anos 1960, a arte postal é um veículo de comunicação interpessoal que instaura uma rede de troca de mensagens entre artistas ou entre artistas e público. O suporte, claro, são as cartas, os cartões, mensagens gravadas ou videoteipes enviados pelo correio. O intercâmbio que se estabelece não é quantitativo, pois as mensagens e os objetos enviados não se caracterizam como obras vendáveis, questionando as leis do mercado de arte. Surge, assim, um circuito que amplia o sistema de arte e cria a exposição fragmentária, que é montada à medida que novas mensagens chegam e é continuamente renovada pelos diferentes ritmos de remessa. Julio Plaza, Regina Silveira, Anna Bella Geiger, Paulo Bruscky e Gilberto Prado, entre outros, utilizaram esse meio. Em 1977, o artista colombiano Jonier Marin executou no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo o projeto *Videopost*, em que vídeo e arte postal foram interconectados para a realização de obras em vídeo a partir de projetos recebidos pelo correio. (COSTA, 2004, p. 67).

Como outras referências artísticas mais próximas a mim, recentes no espaço-tempo, que balizaram o projeto Quarentinas no que se refere ao jogo dos cartões-postais, destacam-se as correspondências em formas de mensagens e slogans em adesivos, do artista Alex Cabral, ao longo de sua carreira artística que foi encerrada em 2011; o projeto *Movimentando Sensações Guardadas*, de 2011-2012, das artistas Faetusa Tezelli e Elenize Dezgeniski; o projeto *Rios Marginais*, exposto no Solar do Barão, em Curitiba, em agosto de 2019, do artista Newton Goto; e o projeto *Mando Lembranças*, de 2014, ainda em curso, do artista Tom Lisboa.

No final daquele e-mail de 16/09/20, havia uma enquete para saber quem e quantos aceitariam essa proposta do jogo, com quatro alternativas, dentre as quais deveriam optar por uma: a) **Sim**, quero participar da apresentação das imagens e da troca de cartões-postais com outros participantes; b) **Sim**, quero participar da apresentação das imagens, **mas não posso** participar da troca de cartões-postais com outros participantes; c) **Não** quero participar da apresentação das imagens e nem da troca de cartões-postais com outros participantes, **mas** gostaria de ver as imagens feitas; d) **Não** posso mais participar do projeto, desta ou de outra etapa, e não quero receber as apresentações das imagens produzidas por e-mail. As respostas à enquete deveriam ser enviadas até o dia 20/09/20, e antes que eu enviasse um novo e-mail, com novas orientações e com a mostra das imagens que produziram,

dispostas em arquivos de Power Point (pptx), anexadas a ele. Avisei-lhes que cada participante que aderisse ao jogo receberia, em suas imagens, um código alfanumérico de forma a esconder a autoria dos trabalhos. Os que não aderissem ao jogo dos postais, mas ainda assim quisessem mostrar suas imagens aos outros participantes, não teriam suas imagens codificadas nem identificadas de nenhuma maneira. E os que optaram por não mostrar suas imagens nessa etapa, foram respeitados e não as dispus nos arquivos. A razão de omitir as autorias e identidades dos participantes tinha a ver com a tentativa de ocultar, na medida do possível, quem pertencia profissionalmente ou não às áreas de criação. Certamente, a poética de alguns dos participantes é tão marcante e conhecida na cidade, que sua identidade não pode ser protegida pelo meu estratagema, devido às imagens que produziram e que os denunciou. A mim mesma, eu atribuí dois códigos alfanuméricos diferentes, para cada um dos três livros dos quais também participei como membro. O meu intuito foi despistar alguns dos participantes que já estiveram em minha residência, uma vez que, em algumas das imagens que produzi, utilizei objetos que eles conhecem ou fotografei cômodos da casa que já haviam visitado. Obviamente, algumas dessas imagens revelam a minha autoria, mas não todas, pelo subterfúgio de duplo código que me atribuí, para os textos dos três livros.

Finalmente, chegado o dia 22/09/20, tão esperado por todos para se conhecer a produção dos cinco e ininterruptos meses de trabalho, enviei-lhes outro e-mail, com todas as imagens produzidas pelos participantes anexadas, organizadas em arquivos de extensão pptx, e contendo mais informações sobre os próximos passos para o bom andamento da dinâmica de troca de cartões-postais entre os participantes. Nesse e-mail, pedi aos que aderiram ao jogo dos cartões-postais, vinte e quatro participantes no total (eu conto três vezes neste número, porque produzi imagens para os três livros), que apreciassem as imagens e fizessem uma lista das que mais gostaram, mencionando o nome do autor do livro, o título do texto, e o código alfanumérico do participante que produziu determinada imagem. E é neste ponto em que se encontra o projeto Quarentinas, até o presente momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas foram as manifestações de alegria e prazer que recebi dos participantes, por terem sido convidados a participar deste projeto. Mas confesso que, muito mais do que todos eles, fui eu quem mais se divertiu, mais se surpreendeu com a resiliência dos que foram até o final do período de cinco meses de trabalho intenso, e mais se encantou, a cada imagem recebida. Se este projeto tem valor, atribuo aos participantes todo o crédito.

Enquanto escrevo este artigo, nos últimos dias de setembro de 2020, estou recebendo as listas com a seleção das imagens para o jogo dos cartões-postais, dos participantes. Neste jogo de trocas de cartões-postais, todos os que aderiram à proposta são, ao mesmo tempo, autores e solicitantes das imagens. Na sequência, precisarei de alguns dias para fazer os cruzamentos das demandas, entre os solicitantes das imagens e os autores que as produziram, para enviar-lhes as listas com os pedidos, em um novo e-mail. O prazo para que os autores produzam e enviem as imagens selecionadas pelos solicitantes, pelos Correios, é razoavelmente grande, até o início de dezembro de 2020. Quando eu enviar as listas com as demandas dos participantes solicitantes aos autores das imagens, no início de outubro de 2020, haverá espaço para a negociação e interação direta entre eles, o que, certamente, fugirá do meu controle.

Como o projeto está em curso, pretendo realizar mais uma etapa após esta, que se destinará à apresentação pública dos trabalhos realizados pelos participantes. Para a última etapa, convidarei os que optaram por participar do jogo de trocas dos cartões-postais, mas, também, os que não quiseram participar desta etapa. No horizonte, surgiu, recentemente, a possibilidade de inscrição do projeto em um certame artístico de Curitiba. No entanto, se essa opção não se concretizar, procurarei outra forma

para a divulgação pública do projeto Quarentinas, que pode ser por meio da criação de um sítio na Internet ou, ainda, alguma forma impressa, como uma publicação de artista.

Referências

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 11ª. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BERMÚDEZ, Ángel. **O historiador que previu uma grave crise em 2020 e adverte sobre período perigoso da História**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53183674> . Acesso em: 21 set 2020.

BÍBLIA on. Gênesis. In: **BÍBLIA**. Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_1/. Acesso em: 26 set 2020.

BLOOMFIELD, Tânia B. **O espaço urbano vivido, percorrido e produzido por práticas artísticas contemporâneas na cidade de Curitiba**. 301 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2012.

BORGES, Jorge Luis. **O livro dos seres imaginários**. São Paulo: Globo, 2000.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAUQUELIN, Anne. **Frequentar os incorporais: contribuição a uma teoria da arte contemporânea**. São Paulo: Martins, 2008.

COSTA, Cacilda Teixeira. **Arte no Brasil 1950-2000: movimentos e meios**. São Paulo: Alameda, 2004.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DE MASI, Domenico. **Coronavírus levou Itália à vida suspensa entre medo e esperança**. Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/blog/post/coronavirus-levou-italia-a-vida-suspensa-entre-medo-e-esperanca/1131> . Acesso em: 10 abr 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. 1ª. Edição, 5ª. Reimpressão: 2008. São Paulo: Editora 34, 1995.

EMMOTT, Stephen. **10 bilhões**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

ENGLISH live. **Tradição dos EUA e Canadá: “Groundhog day”, o dia da marmota**. Disponível em: <https://englishlive.ef.com/pt-br/blog/o-que-e-groundhog-day-o-dia-da-marmota/> . Acesso em: 27 set 2020.

GRAY, John. **Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HAN, Byung-Chul. **O aroma do tempo: um ensaio filosófico sobre a arte da demora**. Lisboa, Portugal: Relógia D’água Editores, 2016.

LETRAS. **You are my Sunshine, Johnny Cash**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/johnny-cash/369169/> . Acesso em: 12 set 2020.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. **O livro dos nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MAGALHÃES, André Lourenti. **Inspiração em quarentena: 5 personalidades que inovaram durante confinamento**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/curiosidades/quarentena-personalidades-que-inovaram-162383/> . Acesso em: 27 mar 2020.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora**: o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SAHR, Wolf-Dietrich. Ação e EspaçoMUNDOS: a concretização de espacialidades na Geografia Cultural. In: SERPA, Ângelo (org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. 425 p. p. 33-57.

SCURATTI, Antonio. **O fim de uma era**. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2020/04/05/o-fim-de-uma-era/> . Acesso em: 06 abr 2020.

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um Humanismo? In: SARTRE, Jean-Paul. **Sartre**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores). 191 p. p 1-32.

ZAFRA, Juan M. **Coronavírus**: “Estamos diante de ameaça de extinção e as pessoas nem mesmo sabem disso”, afirma sociólogo Jeremy Rifkin. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52657148> . Acesso em: 14 mai 2020.